Parla!

MARIE LAURENCIN (1883-1956)

Figura 1
CARL VAN VECHTEN (1880-1964)
Marie Laurencin
c. 1949
Fotografia
Washington D.C.: Biblioteca do Congresso – Coleção Carl van Vechten (US)

SOBRE A AUTORA

Marie Laurencin (Fig. 1) nasceu em Paris, onde viveu grande parte da vida. As circunstâncias que cercam sua infância são pouco divulgadas. Filha única, foi criada apenas pela mãe, mulher muito distante e autoritária. O pai a visitava com certa frequência, mas a relação não era bem-vista pela figura materna. Pode-se supor que os pais de Marie, e ela própria, possuíam alguma entrada na sociedade parisiense. Tal suposição se baseia no fato de a escritora Gertrude Stein, em seu livro *A autobiografia de Alice B. Toklas*, registrar que Laurencin e a mãe viviam reclusas como freiras em um convento (HYLAND; MCPHERSON, 1989).

Estudante indiferente às matérias básicas, os interesses de Marie pendiam para a literatura e a música. Durante toda a vida manteve amizade com literatos, leu

avidamente e colecionou livros de todos os gêneros. Sua biblioteca de 5000 itens, vendida após sua morte, demonstra seu entusiasmo pela cultura literária. Em sua carreira, Laurencin trabalhou na ilustração de 80 livros, sendo o primeiro uma edição do *Pequeno Breviário do Amor*, em 1911 (HYLAND; MCPHERSON, 1989).

A vocação artística de Laurencin foi um acidente fortuito. Com um baixo rendimento no Liceu Lamartine, suas chances de se tornar professora primária estavam ameaçadas. Por conta disso, abandonou Paris e mudou-se para Sevrès, tradicional cidade produtora de porcelanas, a fim de estudar pintura. Pouco se sabe sobre esse período além dos registros pessoais que realizou em cartas e diários. Aparentemente, não existem porcelanas produzidas por Laurencin nessa época (HYLAND; MCPHERSON, 1989).

Voltando para Paris, sua carreira toma um novo rumo ao conhecer o poeta Guillaume Apollinaire (Fig. 2), em 1907. Picasso, que conhecia a ambos, foi o responsável pelo encontro que marcaria suas vidas pessoais e artísticas. Mais do que amantes, "eram alter egos que se completavam" (HYLAND; MCPHERSON, 1989, p. 20, trad.). Ele a introduziu nos circuitos das artes parisienses, e ela o incentivou a uma vida doméstica, mais pacata e menos boêmia. Em seu trabalho como crítico, Apollinaire promovia as vanguardas parisienses, incluindo os trabalhos de Laurencin. Embora não fosse cubista, a artista estava sempre nas exposições do grupo, ao lado de Braque e de Picasso (HYLAND; MCPHERSON, 1989).

Figura 2
Guillaume Apollinaire
c. 1914

Apesar do sólido relacionamento, o casal rompe por volta de 1913. Em 1914, Laurencin casa com o alemão Otto von Wätjen, mas com o início da Primeira Guerra Mundial logo exilam-se na Espanha. Foi um período de pouca atividade artística, pois Laurencin sentia falta dos amigos e da vida cultural parisiense. Apesar disso, teve a oportunidade de estudar a obra de Goya em primeira mão, o que provocaria uma mudança em sua paleta de cores. Por volta de 1917, muda-se com o marido para Barcelona e conhece Francis Picabia e Max Ernst. Mesmo trabalhando com esses artistas, Laurencin também não aderiu ao dadaísmo. Após o fim da guerra, divorcia-se, e em 1921 volta para Paris (HYLAND; MCPHERSON, 1989).

Seu retorno à França é marcado por uma exposição de obras suas, considerada um estrondoso sucesso. As décadas de 1920 e 1930 são de satisfação artística e de reconhecimento, tanto da crítica quanto do público. Pinta retratos de várias personalidades parisienses em um estilo que acompanhava a tendência do emergente estilo Art Deco, mas também apresentava resquícios de um simbolismo tardio. Em 1924, produz os cenários e os figurinos para o balé *Les Biches*, com música de Francis Poulenc e coreografia de Bronislava Nijinska, apresentado pelos Ballets Russes em Paris e Monte Carlo. No ano seguinte, participa da Exposição de Artes Decorativas, marco fundador do Art Deco. Participa também da Exposição Universal de 1937 (HYLAND; MCPHERSON, 1989).

Durante a Segunda Guerra Mundial, o grande apartamento de Laurencin, em Paris, foi confiscado pelos nazistas. A artista mudou-se para um alojamento bem menor, na rua Masseran. Esse período, marcado por crises de depressão e saúde fragilizada, apontou o declínio de sua vida e obra. Adotou sua governanta, Suzanne, como filha adotiva e afastou-se dos amigos. Morreu em Paris, no ano de 1956 (HYLAND; MCPHERSON, 1989).

RETRATO DE MULHER DA COLEÇÃO EVA KLABIN

O trabalho de Marie Laurencin ainda é desconhecido do grande público, embora certa valorização tenha começado na década de 1980. Vários museus europeus, principalmente na França, exibem obras suas em seus acervos. Porém, surpreendentemente, o espaço que reúne o maior número de obras de Marie Laurencin não está na Europa, ou nos EUA. Está no Museu Marie Laurencin em Tóquio, no Japão, formado a partir da coleção pessoal do japonês Masahiro Takano (ABOUT THE MUSEUM, s/d).

Talvez a Casa Museu Eva Klabin seja o único museu na América Latina a exibir uma tela de Marie Laurencin em sua coleção. Localizado no Boudoir de Eva Klabin, o

Figura 3
MARIE LAURENCIN (1883-1956)
Retrato de mulher
c. século XX
Óleo sobre tela
Rio de Janeiro:
Casa Museu Eva Klabin (BR).

cômodo mais íntimo da casa, que antecede o Quarto de Dormir, temos a tela *Retrato de Mulher* (Fig. 3). Esta é a única obra em toda a coleção Eva Klabin feita por uma mulher. De dimensões medianas, a tela mostra uma jovem inclinada, com os ombros projetados para frente. Sua pele é muito branca e delicada, e contrasta com o fundo difuso da cena, em tons levemente terrosos. Seu rosto, entretanto, é deveras expressivo. Os olhos são grandes e vivos, de um preto intenso. O nariz é levemente delineado, e os lábios são bem marcados com um vermelho intenso.

Datado por volta da década de 1940, o quadro da CMEK encontra-se no período mais produtivo, marcado pela afirmação de Marie Laurencin como artista. Inicialmente flertando com o Fauvismo e com o Cubismo, a pintora francesa estabelece na década de 1920 uma linguagem própria, que lhe acompanhará pelo resto de sua carreira. Destacando-se como retratista e decoradora, ela encontra no universo feminino o motivo condutor de sua linguagem poética. A crítica de arte Natalie Barney aponta que o foco de Laurencin nessa temática deve ser visto como uma extensão natural de sua personalidade, que reafirma o conceito de feminilidade vivido na França daquele período (HYLAND; MCPHERSON, 1989).

É essa estética atribuída ao feminino que encontramos em grande parte da obra de Laurencin. A começar pela tela *As dançarinas espanholas* (Fig. 4), peça que marca a adesão da artista a uma paleta harmônica entre o azul, o rosa e o verde, sobre um fundo cinza ou preto, da forma como vemos na tela da CMEK. A obra, que inclui a própria pintora vestida com um tutu rosa, mostra bailarinas dançando uma desajeitada, porém solene, coreografia a três. Produzida entre 1920 e 1921, após seu exílio na Espanha, a obra traz também um pouco do espírito melancólico da boemia parisiense (HYLAND; MCPHERSON, 1989).

Também é digno de nota o *Retrato de Madame Guillaume* (Fig. 5), onde se acentuam as características já apontadas na obra de Laurencin. Domenica Guillaume, nascida Juliette Lacaze (1898-1977), era esposa do *marchand* e crítico de arte Paul Guillaume, grande incentivador do início da carreira de Marie Laurencin. Sentada em uma cadeira, com o rosto levemente caído, a moça olha para o lado com grandes olhos verdes, muito bem marcados. Sua pele muito branca contrasta com os cabelos escuros e as grossas sobrancelhas. O fundo acinzentado suaviza-se com a presença

Figura 4
MARIE LAURENCIN (1883-1956)
As dançarinas espanholas
c. 1921
Óleo sobre tela
Paris: Museu da Orangerie (FR)

Figura 5
MARIE LAURENCIN (1883-1956)
Retrato de Madame Guillaume
c. 1924-1928
Óleo sobre tela
Paris: Museu da Orangerie (FR)

Figura 6
MARIE LAURENCIN (1883-1956).
Retrato de Coco Chanel
c. 1923
Óleo sobre tela
Paris: Museu da Orangerie (FR)

da cor rosa em toda a composição – na cortina, no vestido da Sra. Guillaume e nas flores em seu colo.

Já o *Retrato de Coco Chanel* (Fig. 6), sem o uso ostensivo da cor rosa, consegue capturar a força e a expressão daquela que, literalmente, ditou a moda parisiense no início do século XX. Novamente, chamam a atenção os olhos profundos de Chanel, emoldurados por uma discreta maquiagem. O vestido azul da modelo harmoniza com o fundo verde da cena, onde se observam alguns animais. É provável que Laurencin tenha conhecido Chanel durante sua colaboração com os *Ballets Russes*. Nesse período, a famosa estilista preparava, para a mesma companhia, os figurinos da opereta *O Trem Azul*, música de Darius Milhaud e cenários de Jean Cocteau.

OUTRAS OBRAS DE MARIE LAURENCIN

O trabalho de Marie Laurencin pode ser analisado a partir do contexto da arte europeia no início do século XX. Sem filiar-se a qualquer estilo ou vanguarda específica, Laurencin conseguiu a proeza de absorver o máximo que os diversos artistas radicados em Paris, naquele momento, poderiam oferecer. A partir da experiência cubista de Braque e Picasso, ou do expressionismo realista de Chagall, Soutine e Modigliani, a arte europeia alcançava novos objetivos e novas expressões plásticas. Laurencin inseria-se nesse contexto com desenvoltura, participando ativamente do desenvolvimento dessas novas linguagens (HYLAND; MCPHERSON, 1989; OSBORNE, 1984).

Sua passagem pelo cubismo pode ser vista no quadro *Apollinaire e seus amigos* (Fig. 7). Embora a obra não apresente os traços característicos desse movimento, Laurencin, assim como fez Picasso, derruba a barreira entre as figuras em primeiro plano e o fundo da composição. O resultado que se observa é a perda de volume das figuras humanas e dos objetos, deixando-os achatados, sem profundidade. No quadro, vemos Guillaume Apollinaire, no

Figura 7
MARIE LAURENCIN (1883-1956)
Apollinaire e seus amigos
1909
Óleo sobre tela
Paris: Centro Georges Pompidou (FR)

centro da composição, ao lado de Picasso, à sua esquerda. Marie Laurencin encontra-se logo abaixo, trajando um longo vestido azul claro. Não se pode deixar de notar que o resultado lembra muito as telas de Henri Rousseau (HYLAND; MCPHERSON, 1989).

Porém, evidencia-se, desde essa época, aquilo que o próprio Apollinaire já apontava na obra de Laurencin, que é a capacidade de "expressar, pela alta arte da pintura, uma estética inteiramente feminina" (HYLAND; MCPHERSON, 1989, p. 27, trad.). Mais contundente que a anterior, a tela *As jovens mulheres* (Fig. 8) é possivelmente o esforço mais claro de Laurencin em aproximar-se da vanguarda cubista. Sofrendo, quem sabe, o impacto da obra *Les Demoiselles d' Avignon* (Fig. 9), Laurencin tenta aplainar o espaço, com todos os objetos e figuras que o rodeiam. Ao mesmo tempo, procura conjugar as formas geométricas do fundo com o movimento da dança das moças em primeiro plano, descrito com linhas sinuosas, de temperamento muito diferente da dureza geométrica do espaço.

Embora tenha se consolidado como retratista de modelos femininos, não são incomuns retratos masculinos na obra de Laurencin. *O Retrato de Jean Cocteau* (Fig. 10, página seguinte) mostra o eminente escritor, novelista, e diretor por volta dos 30 anos, no auge de sua criatividade. Figura também muito requisitada pelos *Ballets Russes*, Cocteau foi responsável pela produção de grandes peças da música moderna,

Figura 8
MARIE LAURENCIN (1883-1956)
As jovens mulheres
c. 1910-1911
Óleo sobre tela
Estocolmo: Museu de Arte Moderna (SE)

Figura 9
PABLO PICASSO (1881-1973)
Les Demoiselles d' Avignon
1907
Óleo sobre tela
Nova Iorque: Museu de Arte Moderna (US)

como Les Noces, de Igor Stravinsky, e Parade, de Érik Satie. Nota-se, no retrato de Cocteau, o mesmo tratamento que Laurencin dava aos retratos femininos do período, com cores leves.

Em contraste, o *Retrato de Somerset Maughan* (Fig. 11), embora igualmente expressivo, opta por tons mais soturnos, especialmente marrom e azul escuro. O britânico Somerset Maughan era um escrito de muito sucesso na primeira metade do século XX, rivalizando com Ernest Hemingway. Teve participação ativa nos dois conflitos mundiais. Durante a 1ª Grande Guerra, dirigiu ambulâncias da Cruz Vermelha inglesa junto com outros escritores famosos; na 2ª Grande Guerra, foi agente do serviço de inteligência britânico. Suas obras de maior destaque são *Servidão Humana*, de 1915, e *O Véu Pintado*, de 1925.

Figura 10

MARIE LAURENCIN (1883-1956)

Retrato de Jean Cocteau

1921

Óleo sobre tela.

Paris: Maison Jean-Cocteau, Milly-la-Forêt – Fundação Pierre Bergé Yves Saint Laurent (FR)

Figura 11

MARIE LAURENCIN (1883-1956)

Retrato de Somerset Maughan

1937

Óleo sobre tela

Coleção particular

BIBLIOGRAFIA

HYLAND, Douglas K. S.; MCPHERSON, Heather. *Marie Laurencin: Artist and Muse*. Birmingham, AL: Birmingham Museum of Art, 1989.

ABOUT THE MUSEUM. *Marie Laurencin Museum*. Disponível em http://marielaurencin.jp/en/about/. Acessado em 09/12/2020.

OSBORNE, Harold (Org.). *The Oxford Companion to Twentieth-Century Art*. Oxford: Oxford University Press, 1984.